

## O CORPO DESFIGURADO NAS OBRAS DE FRANCIS BACON

Gabriela Zari (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Roberta Stubs Parpinelli (Orientadora),  
e-mail: ra115489@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e  
Artes/Maringá, PR.

### Arte e Teoria da arte

**Palavras-chave:** Corpo, Desfiguração, Francis Bacon.

### Resumo:

A desfiguração do corpo a partir das pinturas do artista Francis Bacon é o tema que move essa Pesquisa de Iniciação Científica, levando ao questionamento de quais são os limites pelos quais o corpo transborda através da desfiguração. Utilizando da pesquisa Bibliográfica sobre arte de cunho qualitativo, contextualizo a representação do corpo dentro da história da arte moderna e posteriormente discuto o movimento de transformação do corpo ocasionado pela arte contemporânea norteadas pelos escritos de Viviane Matesco (2017) e Yves Michaud (2011). Utilizo também de Deleuze (2007) para pensar a desfiguração do corpo a partir do livro “Lógica da Sensação”, olhando para as obras do pintor Francis Bacon. A investigação feita na pesquisa possibilitou ver a pluralidade que compreende o corpo desfigurado e como é possível criar novos mundos a partir da deformação

### Introdução

O corpo sempre esteve presente no decorrer da história da arte, e no início do século XX ele se desvincula de sua forma realista e canônica, rompendo com os primados da arte acadêmica, permitindo que os artistas experimentassem e usassem da pintura de sua própria maneira. Desse modo, o corpo se desfigura ao acompanhar o processo de transformação da pintura e da arte como um todo, adquirindo forma fluída e vibrante, atravessada por sensações.

No século XX, as desfigurações começam a aparecer com maior foco, o caráter representativo começa a se esvaír, abrindo espaço para a autonomia do pintor. A palavra “experimentação” toma espaço nessa primeira metade do século XX, buscando relações entre corpo e espaço, luz e sombra. “O artista só era responsável ante sua própria sensibilidade pelo que pintava e como pintava” (GOMBRICH, 2000, p. 362).

No impressionismo era de extrema importância estar atento ao redor, aos movimentos e sutilezas que o ambiente dispunha, trazendo um corpo mais solto e estilizado nas pinturas. No expressionismo são os sentimentos que

começavam a invadir a imagem, distorcendo o quadro como um todo e em especial no corpo que se expressa, assim como o cubismo que trazia à tona a crise da representação com seus experimentos de visão, com ângulos pontiagudos e diversas faces aparentes.

Todos esses movimentos culminaram na crise de identidade que pairava sobre as pessoas no século XX. De acordo com Michaud (2007), instaurava-se uma nova lógica de representação, fragmentada e desfigurada, que colocava em questão a identidade das coisas e o próprio sujeito, desestabilizando a representação.

A arte contemporânea trouxe o incômodo em fotografias, performances e esculturas, continuando o ritmo da desfiguração da arte moderna. Matesco (2017) conta que nesse período a crise da representação foi ainda mais acentuada, explorando matéria e animalidade, trazendo maior interação com o público, levantando questões sobre gênero e política, desestabilizando a norma ao causar sentimentos de desconforto no espectador, ao tratar questões íntimas que também atravessavam o espectador.

Em todos os períodos algo passa nos corpos desfigurados, um plano de sensações e forças intensivas, e Francis Bacon usou e trabalhou esse plano nos seus quadros de forma massiva. Atentou-se a pintar o fato, o grito e não o horror. Seus quadros não carregavam sentimentos, eram pura sensação, o pintor buscava incessantemente lutar contra o clichê para pintar apenas as sensações. Como Cézanne, “ele queria exprimir algo, mas, antes de fazê-lo, tinha de lutar contra o clichê de cabeça de hidra [...]” (DELEUZE, 2007, p. 93).

Por meio de traços assignificantes e zonas de indiscernibilidade, Bacon corrompe a função representativa da imagem, abrindo-a para novos sentidos, fazendo com que a figura se dobre sobre si mesma, abrindo espaço para o novo. É nesse campo indiscernível que a desfiguração ganha corpo dando passagem ao devir. Partindo de teóricos como Viviane Matesco, Yves Michaud, Giulio Carlo Argan (1992) e Ernst Gombrich (2001), pude contextualizar a representação do corpo dentro da história da arte moderna e discutir o movimento de transformação do corpo ocasionado pela arte contemporânea. E junto das discussões de Deleuze, pude pensar a desfiguração do corpo a partir do livro “A lógica da sensação”, suprimindo o objetivo geral da pesquisa realizada, pensar a desfiguração do corpo por meio das pinturas de Francis Bacon.

## Materiais e métodos

O estudo aqui realizado se trata de uma pesquisa bibliográfica sobre artes de cunho qualitativo, investigando obras feitas por outros artistas, me atentando apenas à obra já finalizada, sem me ater aos processos de criação da mesma. Deste modo, a metodologia empregada para o desenvolvimento deste estudo teve como suporte livros, dissertações, teses e artigos científicos que vão ao encontro dos objetivos pretendidos. Os autores principais foram: Viviane Matesco, Yves Michaud, Giulio Carlo Argan, Ernst Gombrich e Gilles Deleuze. Dentro os artistas estudados

citamos, Edgar Degas, Henri de Toulouse-Lautrec, Pablo Picasso, Wanda Pimentel, Louise Borgeois e outros, tendo como foco principal algumas pinturas de Francis Bacon e sua relação com o corpo desfigurado.

## Resultados e Discussão

Com base no que foi exposto, podemos constatar que o corpo na arte sofreu inúmeras mudanças ao longo dos anos, reverberando junto ao corpo do artista, adquirindo novos horizontes à medida que era necessário. Sendo também afetado pelas forças do mundo, as transformações políticas, sociais, estéticas e culturais, o artista necessitou tornar seu olhar múltiplo, abrindo espaço para outras possibilidades da pintura. Tal abertura gerou fendas no primado da representação, causando incômodo e desconforto nas pessoas que, num primeiro momento, não assimilavam a potência inaugurada pelos novos rumos que a arte estava assumindo. A incompreensão diante dos quadros de Picasso ou Edvard Munch sinalizavam essa dificuldade de assimilação das forças do novo. Saindo do duopólio pintura e escultura, a arte contemporânea usou de fotografias e performances para se expressar, trazendo o corpo como um suporte de ideias. Começamos a pensar nas fissuras do mundo, as vísceras expostas aumentam ainda mais a crise iniciada na arte moderna, o corpo do artista se torna obra, tudo muito influenciado pela filosofia, psicanálise, estudos multiculturais e feminismos. Nos caminhos da arte moderna e contemporânea encontramos Francis Bacon, pintor de desfigurações. Rigoroso em cada quadro que pintava, não se satisfazia com representações, buscava incessantemente pintar o fato, as sensações que causavam as distorções nas figuras, que em um ato de conhecimento se contorciam em si mesmas. Pintar as sensações diz de um desejo de dar vazão às forças que nos afetam, uma tentativa de criar um corpo vibrátil, ativando também um plano de sensações que escapa e tensiona o primado da representação, esta que se encontra atrelada ao mesmo e aos clichês e que não dão conta da heterogeneidade da vida.

## Conclusões

Realizando essa pesquisa pude perceber como o corpo desfigurado é terra fértil para novas ideias, um prisma que pode refletir inúmeras novas realidades. É pela deformação que o corpo transborda, questiona e desestrutura o real e sua verdade inquestionável. Cada artista aqui apresentado trouxe, à sua maneira, as forças e motivações que deformaram os corpos.

A desfiguração agita a estrutura dormente assujeitada, vibrando o corpo por meio do horror, *nonsense* ou qualquer outro artifício que permita agitar as estruturas normalizantes da sociedade que vivemos.

Para mim foi de extrema importância perceber como cada artista lida com as questões de suas épocas, utilizando linhas de fugas que movem o corpo pela sensação, como em Francis Bacon, que buscava transmitir a realidade em seu estado mais dilacerante.

Ao voltar ao problema “Quais os limites que o corpo transborda através da desfiguração? ”, percebo que o corpo nunca parou de transbordar. A partir do momento que toma consciência de si, ele escorre por todas as brechas que consegue encontrar, ocupando novos lugares, criando novos espaços que possa habitar ou tornar habitável.

Realizar essa pesquisa me despertou novos pontos de fuga, como a fabulação e a criação de novos mundos impossíveis pela arte, assim como pensar os níveis dessa sensação em outras formas de arte e quem sabe em minha própria produção. Como primeira pesquisa, ela foi o ponto de partida para novos interesses.

### Agradecimentos

Agradeço imensamente à minha orientadora Roberta Stubs por me subsidiar nessa primeira experiência na pesquisa, assim como amigos que se dispuseram a me ajudar em algumas partes do caminho. Presto meus agradecimentos ao CNPq por fomentar e incentivar pesquisas científicas em várias áreas do conhecimento.

### Referências

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **A História do corpo**. Mutações do Olhar: O Século XX, Vozes, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon: lógica da sensação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

GOMBRICH, Ernest. **A história da arte**. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

MATESCO, Viviane. Corpo desdobrado. *In*: COCCHIARALE, Fernando; SEVERO, André; PANITZ, Marília. **Ensaio brasileiros contemporâneos**. Rio de Janeiro: Funarte, 2017. p. 299-401